



<http://groups.google.com/group/digitalsource>

Pollyanna, a Pequena Órfã
Eleanor H. Porter
Editorial Pública, Lisboa, 1990.
Infanto-Juvenil.

Esta obra foi digitalizada sem fins comerciais e destinada unicamente à leitura de pessoas portadoras de deficiência visual. Por força da lei de direitos de autor, este ficheiro não pode ser distribuído para outros fins, no todo ou em parte, ainda que gratuitamente.

Composto e impresso por
Printer Portuguesa, Indústria Gráfica, Lda. Mem Martins - Sintra
para a EDITORIAL PUBLICA, LTDA. com sede na Avenida Poeta Mistral, 6-B -
1000 LISBOA
Tradução e adaptação de João Sargaço
Capa de José Antunes
Ilustrações de C. Labey
Editorial Publica

Digitalização e Correção:
Dores Cunha

Miss Polly

Naquela manhã de junho, Miss Polly Harrington entrou na sua cozinha um pouco apressada. Miss Polly nunca fazia movimentos precipitados; tinha mesmo muito orgulho dos seus modos pausados. Mas hoje estava com pressa, muita pressa.

Nancy que lavava a loiça olhou para ela surpreendida. Trabalhava em casa de Miss Polly apenas há dois meses mas já conhecia suficientemente a patroa para saber que ela nunca tinha pressa.

— Nancy!

— Sim, senhora — respondeu Nancy alegremente, mas continuando a lavar a loiça.

— Nancy! — a voz de Miss Polly soava agora mais severa. — Quando eu falar contigo deves parar de trabalhar e ouvir o que eu tenho para dizer.

Nancy ficou com um ar infeliz. Largou imediatamente o que estava a fazer, cabisbaixa.

— Sim, senhora — disse ela, virando-se apressadamente. — Continuei a trabalhar porque me disse para despachar a loiça.

A patroa impacientava-se.

— Basta, não te pedi explicações. Só quero que prestes atenção.

— Sim, senhora. — titubeou Nancy, enquanto pensava como era difícil contentar aquela mulher.

Nancy nunca tinha trabalhado fora de casa. A sua mãe, que era doente, enviuvou, vendo-se desamparada com três filhos ainda crianças, para além de Nancy. Foi então obrigada a pôr a jovem a trabalhar para ajudar ao sustento da casa. Ficou satisfeitíssima ao saber de um lugar na cozinha do solar, no alto da colina. Nancy era de Corners, uma aldeia a 9 quilômetros dali. Antes de começar a trabalhar sabia apenas que Miss Polly Harrington era a dona do velho solar Harrington e uma das pessoas mais ricas da cidade. Foi apenas há dois meses. Sabia agora que Miss Polly era uma senhora de poucos sorrisos, sempre pronta a zangar-se se alguma faca caía ou alguma porta batia.

— Quando acabares o trabalho da manhã, limpa o quartinho do sótão, ao cimo das escadas, e fazes a cama de lavado. Tira de lá os caixotes e limpa-o.

— E onde ponho as coisas que lá estão?

— Na parte da frente do sótão — Miss Polly hesitou, continuando: — A minha sobrinha, Miss Pollyanna Whittier vem viver comigo. Tem onze anos e vai dormir naquele quarto.

— Vamos cá ter uma menina, Miss Harrington? Que bom que vai ser! — exclamou Nancy pensando na alegria que as suas irmãzinhas, em casa, transmitiam.

— Sim? Não tenho a certeza — disse Miss Polly secamente. — No entanto, tenciono fazer o melhor que puder. Sou boa e conheço o meu dever.

Nancy corou que nem um tomate.

— Com certeza senhora, estava só a pensar como uma menina aqui lhe podia trazer um pouco de alegria.

— Obrigada — disse a senhora com secura —, mas não vejo que haja alguma necessidade disso.

— Mas, certamente que há de estar contente por a sua sobrinha vir para cá — atreveu-se Nancy a dizer, achando que devia de algum modo preparar as boas vindas à orfãzinha que estava prestes a chegar.

Miss Polly ergueu altivamente o queixo.

— É justamente por ter tido uma irmã suficientemente parva para casar e dar à luz uma criança que não fazia falta nenhuma neste mundo já superpovoado, que não vejo por que razão terei de ser eu a tomar conta dela. No entanto, como já disse, sei quais são os meus deveres. Vê se limpas bem os cantos do quarto, Nancy! — terminou ela rudemente, deixando a cozinha.

— Sim, senhora — respondeu Nancy retomando o seu trabalho.

No seu quarto, Miss Polly pegou mais uma vez na carta que tinha recebido há dois dias da longínqua cidade do oeste e que tanto a tinha surpreendido. A carta estava dirigida a “Miss Polly Harrington, Bel dingsville, Vermont” e dizia o seguinte:

“Cara senhora,

Lamento informá-la de que o reverendo John Whittier morreu há duas semanas, deixando uma menina com onze anos de idade. Não deixou praticamente nada para além de alguns

livros pois, como certamente sabe, era pastor nesta pequena paróquia e tinha um magro salário.

Suponho que ele era marido da sua falecida irmã. Antes de falecer, ele deu-me a entender que o relacionamento entre as duas famílias não era o melhor. Pensou, no entanto, que, em atenção à memória da sua irmã, talvez quisesse tomar conta da criança e educá-la no seio dos seus outros parentes do este. É por isso que lhe estou a escrever.

Quando receber esta carta, a menina estará pronta a partir e se puder ficar com ela agradecemos que nos respondesse manifestando o seu acordo, visto que há um casal que seguirá em breve para o este e que a pode levar até Boston, de onde ela poderá seguir de comboio para Beldingsville. A senhora será então informada do comboio em que irá Pollyanna. Sem outro assunto de momento, apresento os meus respeitosos cumprimentos.

Jeremia O. White"

Com um gesto brusco, Miss Polly dobrou a carta e meteu-a no envelope. No dia anterior tinha respondido dizendo que ficava, naturalmente, com a criança. Era, para ela, uma situação desagradável, mas sabia quais eram os seus deveres.

Estava agora sentada pensativamente com a carta nas mãos e as suas reflexões recuaram até à sua irmã Jenny, a mãe da criança e até à época em que Jenny, com vinte anos, tinha teimado em casar com o jovem pastor, apesar da oposição da família. Havia um homem abastado que a pretendia e a família preferia este ao pastor. Mas Jenny não cedera. O homem, embora tivesse mais dinheiro, era mais velho, enquanto o pastor tinha apenas entusiasmo e ideais, bem como um coração cheio de amor. Jenny tinha preferido estes atributos, muito naturalmente, aliás. Casou então com o pastor e foi para o sul como esposa de missionário.

Pouco mais souberam dela. Miss Polly lembrava-se bem, apesar de ter apenas quinze anos. Era a mais nova. A família pouco mais soube da esposa do missionário. Jenny tinha escrito algum tempo depois, comunicando o nascimento do seu bebê Pollyanna, assim chamado em honra das suas irmãs Polly e Anna. Tinha tido outros bebês que morreram. Foi a última vez que Jenny escreveu e há alguns anos tinha chegado a notícia do seu falecimento através de uma carta lacônica do próprio pastor, com origem numa cidadezinha do oeste.

Entretanto, o tempo não tinha parado para os moradores do solar da colina. Miss Polly, com os olhos postos no vale, refletiu nas mudanças ocorridas durante aqueles 25 anos. Agora tinha 40 anos e estava completamente só no mundo. O pai, a mãe e as irmãs, tinham todos morrido. Desde há uns anos a esta parte, era ela a única dona dos milhares de dólares deixados pelo pai. Algumas pessoas tinham abertamente lamentado a sua vida solitária, aconselhando-a a cultivar amigos e companhias, mas ela rejeitou todos os conselhos. Não se sentia sozinha. Gostava de estar assim. Gostava de tranquilidade. E, agora...

Miss Polly ergueu-se de sobrolho franzido, refletindo. Claro que estava satisfeita, considerava-se uma mulher de bem e não só conhecia o seu dever como também tinha suficiente força de caráter para o cumprir.

Mas, Pollyanna! que nome tão ridículo!

Nancy e o velho Tom

No pequeno quarto do sótão, Nancy varria com vigor, prestando atenção especial aos cantos. Por vezes, o vigor que punha no seu trabalho era mais para desabafar do que por zelo. Nancy, apesar da sua submissão receosa à patroa, não era nenhuma santa.

— Só queria poder varrer os cantos da alma dela! — murmurou entre dentes, marcando bem as sílabas com golpes de vassoura. — Bem precisavam de limpeza! Que idéia esta de pôr a criança aqui em cima onde faz calor no verão e frio no inverno, com tantos quartos à escolha neste casarão! Crianças que não fazem falta! Como pode ela dizer uma coisa destas?

Durante algum tempo trabalhou em silêncio. Tendo concluído o seu trabalho, olhou tristemente para o quatinho quase nu.

— Bom já está, pelo menos da minha parte. Ao menos já não está sujo, embora pouco mais haja. Pobre criança! Que belo lugar para pôr uma criança só e desamparada! — concluiu ela saindo e fechando a porta com estrondo. — Ai, o que eu fiz! — exclamou, mordendo os lábios.

Logo de seguida pensou resolutamente:

— Não me ralo, espero que tenha ouvido a porta a bater!

No jardim, nessa tarde, Nancy dispôs de alguns minutos para conversar com o velho Tom que há muitos anos tratava do jardim.

— Mr. Tom — começou Nancy, lançando um olhar rápido sobre o ombro para se certificar de que não estava a ser observada — sabe que vem uma menina viver com Miss Polly?

— Quem? — perguntou o velhote endireitando-se com dificuldade.

— Uma menina. Vem viver com Miss Polly.

— Está a brincar! — disse o velhote descrente. Porque não me diz antes que o sol amanhã se vai pôr no oriente?

— Mas é verdade; ela disse-me. É a sobrinha dela e tem onze anos.

O homem ficou boquiaberto.

— Deve ser a filhinha de Miss Jenny! Todos os outros morreram. Louvado seja Deus!

— Quem era Miss Jenny?

— Era um anjo caído dos céus — disse o homem com fervor. — Era a filha mais velha dos falecidos patrões. Tinha vinte anos quando se casou e partiu daqui. Todos os filhos dela morreram, exceto a última e deve ser essa que vem agora.

— Tem onze anos.

— Deve ser isso — assentiu o homem.

— E vai dormir no sótão, parece impossível! — desabafou Nancy olhando de novo sobre o ombro para a casa atrás de si.

O velho Tom resmungou, mas logo a seguir surgiu um sorriso curioso nos seus lábios.

— Estava a pensar no que vai fazer Miss Polly com uma criança em casa.

— Pois eu pergunto antes o que vai fazer uma criança com Miss Polly nesta casa — exclamou Nancy.

O velhote riu.

— Parece que não gosta de Miss Polly.

— Como se alguém pudesse gostar dela!

O velho Tom sorriu de modo estranho e continuando a trabalhar disse vagarosamente:

— Se calhar não conhece o caso amoroso de Miss Polly.

— Caso amoroso, ela? Não, e creio que ninguém sabe!

— Sim, sabem — disse o velhote. — E o sujeito ainda vive nesta cidade.

— Quem é ele?

— Isso não posso dizer.

O velhote endireitou-se de novo. Sentia o orgulho de ser, há tantos anos, um leal servidor da família.

— Mas parece impossível. Ela e um amante... — voltou Nancy à carga.

O velho Tom abanou a cabeça.

— Você não conheceu Miss Polly como eu. Era muito bonita e se não se desleixasse, ainda poderia sê-lo.

— Bonita! Miss Polly?!

— Sim, se ela soltasse o cabelo e o penteasse, e se voltasse a usar aqueles vestidos lindos cheios de laçarotes, havia de ver como é bonita! A Miss Polly não é velha, Nancy.

— Se não é, imita muito bem!

— Sim, eu sei; isso começou com o problema do seu caso amoroso. Desde então parece que destila veneno. É por isso que é tão difícil lidar com ela.

— É verdade, por mais que se tente não conseguimos agradar-lhe! Se não precisasse de ganhar dinheiro por causa da família que tenho em casa, não ficava aqui. Mas um dia farto-me e digo adeus.

O velho Tom disse que sim com a cabeça.

— Eu sei, já senti isso. — E retomou o trabalho.

— Nancy! — ouviu-se gritar.

— Sim, senhora! — respondeu Nancy apressando-se para a casa.

A chegada de Pollyanna

Finalmente chegou o telegrama anunciando a chegada de Pollyanna a Beldingsville, no dia seguinte, 25 de junho, às quatro horas da tarde. Miss Polly leu o telegrama, franziu o sobrolho e subiu as escadas até o quarto do sótão. Continuou de sobrolho franzido enquanto olhava em redor.

O quarto dispunha de uma pequena cama que estava muito bem feita, dois cadeirões, um lavatório, uma pequena cômoda sem espelho e uma mesinha. Não tinha cortinados nem quadros nas paredes. Durante todo o dia, o sol tinha ali batido e o quartinho parecia um forno. Como não havia redes nas janelas, estas tinham que se conservar fechadas. Ouvia-se uma grande mosca a zumbir desesperada para sair.

Miss Polly matou a mosca e atirou-a pela janela. Deu um jeito numa cadeira e, carrancuda, abandonou o quarto.

— Nancy! — chamou ela minutos depois, à porta da cozinha. — Encontrei uma mosca lá em cima no quarto de Miss Pollyanna. A janela deve ter estado aberta. Já mandei vir mosquiteiros, mas até que cheguem vê se manténs as janelas fechadas. A minha sobrinha chega amanhã às quatro da tarde. Quero que a vás esperar à estação. Timothy leva-te na charrete. O telegrama diz que ela tem o cabelo claro, traz um vestido vermelho e um chapéu de palha. É tudo o que sei, mas creio que é o suficiente.

— Sim, senhora, mas...

Miss Polly percebeu o que ela queria dizer pois franziu logo o sobrolho e disse asperamente, não admitindo qualquer réplica:

— Não, eu não vou. Acho que não é preciso. É tudo, por agora.

E foi-se embora. Os preparativos de Miss Polly para a chegada da sua sobrinha Pollyanna estavam completos.

Na cozinha, Nancy assentou com força o ferro de engomar e pensou com os seus botões:

“Cabelo claro, vestido vermelho e chapéu de palha!” É tudo o que ela sabe! Eu tinha vergonha se não fosse eu própria esperar a minha única sobrinha que chegasse depois de ter atravessado um continente inteiro!

No dia seguinte, Timothy e Nancy partiram na charrete para a estação. Timothy era filho do velho Tom. Na cidade dizia-se que, se o velho Tom era o braço direito de Miss Polly, então Timothy era o braço esquerdo. Era um bom rapaz e, além disso, bem parecido. Apesar de Nancy estar há pouco tempo naquela casa, já eram bons amigos. Hoje, porém, Nancy estava demasiado compenetrada na sua missão para conversar como de costume e foi quase em silêncio que se dirigiram à estação para aguardar o comboio.

Repetia para si vezes sem conta: *“Cabelo claro, vestido vermelho e chapéu de palha”*. Não conseguia deixar de interrogar-se sobre o gênero de criança que esta Pollyanna seria.

— Espero que seja calma e sensível e não deixe cair facas nem bata com as portas — disse ela para Timothy.

— Se não for, sabe-se lá o que nos vai acontecer — resmungou Timothy. — Imagina Miss Polly com uma criança barulhenta! Era o fim do mundo!

— Oh, Timothy, acho que ela fez mal em me mandar a mim — disse Nancy enquanto se precipitava para um sítio onde pudesse observar os passageiros no apeadeiro.

Não demorou muito a que Nancy a visse. Era uma rapariguinha esguia com um vestido vermelho e duas tranças que pendiam ao longo das costas. Sob o chapéu, uma carinha ansiosa olhava para a esquerda e para a direita à procura de alguém.

Nancy identificou logo a criança, mas durante algum tempo não conseguiu controlar suficientemente os joelhos trêmulos para se dirigir a ela. Finalmente, aproximou-se.

— É Miss Pollyanna?

Logo de seguida sentiu dois braços vestidos de vermelho à volta do pescoço.

— Oh, estou tão contente por a ver! — gritou-lhe uma voz ao ouvido. — Claro que sou Pollyanna e estou tão contente por ter vindo esperar-me! Estava à espera disso.

— Estava? — interrogou Nancy, perguntando a si própria como Pollyanna poderia conhecê-la. — Estava à minha espera? — repetiu enquanto tentava endireitar o chapéu.

— Sim, durante todo o tempo procurei imaginar a sua cara — gritava a menina em bicos de pés, enquanto mirava a embaraçada Nancy dos pés à cabeça. — Agora, estou muito contente por ser assim.

Nancy estava aliviada por Timothy ter vindo com ela. As palavras de Pollyanna tinham-na confundido.

— Este é Timothy. Traz alguma mala?

— Sim, trago, tenho uma nova. As senhoras da caridade compraram-me uma, foi muito simpático da parte delas. Trago uma coisa que o senhor Grey disse ser um cheque e devo entregar-lho antes de ir buscar a minha mala. Mr. Grey é o marido de Mrs. Grey. São primos da mulher do clérigo

Carr. Viajei para este com eles, são simpatiquíssimos! Aqui está ele! — disse ela, enquanto apresentava o cheque depois de revolver o saco.

Nancy respirou fundo. Depois olhou para Timothy. Os olhos de Timothy estavam deliberadamente orientados para outro lado.

Finalmente partiram os três com a mala de Pollyanna na retaguarda e a própria Pollyanna encolhida entre Nancy e Timothy. A rapariguinha falava ininterruptamente, fazia perguntas e comentários, e Nancy tinha grande dificuldade em acompanhá-la.

— É longe daqui? Adoro andar de charrete, mas também estou deseiosa de chegar. Que linda rua! Eu sabia que ia ser bonito, o pai contou-me.

Parou então de falar com um soluço. Nancy olhou apreensivamente e viu que o queixo dela tremia e os olhos estavam marejados de lágrimas. Mas num instante recompôs-se.

— O pai contou-me tudo. Ah, é verdade! Tenho que lhe explicar. Trago este vestido vermelho e não venho de negro porque não existia roupa negra nas coisas da última coleta. Só havia um vestido de senhora que a mulher do clérigo disse que não era próprio para mim, além de que estava gasto nos cotovelos e tinha nódoas brancas. Algumas das senhoras da caridade queriam comprar-me um vestido negro e um chapéu, mas as outras acharam que o dinheiro devia ir para o tapete vermelho que elas queriam comprar para a igreja. Mrs. White disse que estava bem, pois de qualquer maneira ela não gostava de ver crianças de negro. Ela gostava de crianças, claro, mas não vestidas de negro!

Pollyanna parou um pouco para respirar e Nancy conseguiu dizer:

— Vem muito bem!

— Ainda bem que acha isso. Era muito mais difícil estar contente vestida de negro.

— Contenta! — disse Nancy surpreendida, aproveitando uma pausa.

— Sim, por o pai ter partido para o céu para ir ter com a mãe e os meus irmãos. Ele disse que eu devia ficar feliz. Mas mesmo assim é um pouco difícil, mesmo vestida de vermelho, porque eu precisava muito dele, principalmente depois da mãe e os irmãos terem ido para o céu. Enquanto que eu não tinha mais ninguém a não ser as senhoras da caridade. Mas, agora tenho a certeza de que será mais fácil porque a tenho a si, tia Polly. Estou tão feliz por a ter a si!

Os sentimentos de compaixão de Nancy em relação à rapariguinha transformaram-se em sobressalto.

— Mas está enganada menina. Eu sou a Nancy. Não sou a sua tia Polly!

— Não é? — perguntou a criança quase desmaiando.

— Não, sou a Nancy. Nunca pensei que pudesse tomar-me por ela. Não somos nada parecidas!

Timothy sorriu ligeiramente, mas Nancy estava demasiado perturbada para responder ao seu olhar divertido.

— Mas quem é você? Não parece nada uma empregada!

Desta vez Timothy não conteve um riso.

— Sou Nancy, a empregada da sua tia. Faço tudo menos lavar a roupa. Isso é o trabalho de Miss Durgin.

— Mas existe uma tia Polly? — perguntou a criança ansiosamente.

— Disso pode estar certa — disse Timothy.

Pollyanna ficou mais descansada.

— Ah, então está bem. — Seguiu-se um momento de silêncio, depois ela prosseguiu alegremente. — Sabem? Apesar de tudo estou contente por ela não me ter vindo esperar porque, assim, além de vos ter a vocês, ainda a vou conhecer a ela.

Nancy assoou-se. Timothy olhou para ela com um sorriso de admiração.

— Isso é muito simpático da sua parte. Não achas que deves agradecer à menina, Nancy?

— Estava a pensar nisso... Sim, é muita gentileza sua — titubeou Nancy.

Pollyanna fez um sinal de contentamento.

— Estou tão ansiosa por a ver. É a única família que me resta e durante muito tempo não sabia que ela existia. Depois o pai disse-me que ela vivia numa casa grande e bonita no cimo de uma colina.

— É verdade, e já a pode ver daqui — disse Nancy. — É aquela casa branca, grande com as persianas verdes, em frente.

— Mas que bonita! E tem tantas árvores e relva à volta! Nunca vi tanta relva. A minha tia Polly é rica, Nancy?

— Sim, Miss.

— Ainda bem. Deve ser ótimo ter muito dinheiro. Nunca conheci ninguém rico. Com algum dinheiro, só conheci os White. Tinham tapetes em todas as salas e gelados ao domingo. A tia Polly tem gelados ao domingo?

Nancy abanou a cabeça, enquanto cerrava os lábios e lançava um olhar a Timothy.

— Não, Miss. Creio que a sua tia não gosta de gelados. Pelo menos nunca vi nenhum à mesa.

No rosto de Pollyanna espelhou-se uma expressão triste.

— Mas que pena, não percebo como é que ela não gosta de gelados. Bom, de qualquer maneira talvez seja preferível, porque os gelados em grande quantidade podem fazer dores de barriga. Talvez a tia Polly tenha tapetes em casa?

— Sim, ela tem tapetes.

— Em todas as salas?

— Em quase todas — respondeu Nancy lembrando-se que o quartinho do sótão não tinha tapete.

— Ainda bem, adoro tapetes! Nós não tínhamos quase nenhuns. Apenas dois pequenos e que tinham duas nódoas de tinta. E quadros, gosta de quadros?

— Não sei — respondeu Nancy meio encabulada.

— Eu gosto. Nós não tínhamos quadros.

Só quando Timothy descarregou a mala é que Nancy teve uma oportunidade para lhe segredar ao ouvido:

— Nunca mais fales em ir-te embora, Timothy Durgin!

— Ir embora? Claro que não! — respondeu o jovem. — Agora vai ser muito mais divertido com essa miúda a rondar por aí!

— Divertido! — repetiu Nancy indignada. — Acho que, para essa pobre criança, não vai ser nada disso quando as duas tiverem que viver juntas. Acho que ela vai precisar de um refúgio. E eu tenciono ser esse

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

